



Ana Gabriela Macedo, Prof. Catedrática da Universidade do Minho. Ph.D. Univ. of Sussex, (U.K). Coord. do Programa Doutoral “Modernidades Comparadas. Literaturas, Artes e Culturas”. Coord. do grupo de pesquisa em “Género, Artes e Estudos Pós-Coloniais” (GAPS) do *Centro de Estudos Humanísticos* da UMinho. Áreas de Investigação: Literatura Comparada, Poéticas Visuais e Interartes, Estudos Feministas e de Género. Projecto atual: *Framing/Unframing, Resisting. Ways of ‘seeing differently’. Women and Gender in Contemporary art and literature.*

Ana Bessa Carvalho, Leitora no Departamento de Estudos Ingleses e Norte Americanos da Universidade do Minho, doutoranda nas áreas dos Estudos Queer, Literatura Comparada e Estudos Inter-artísticos. Tem poemas publicados em várias antologias.

Ana Maria Chaves é investigadora do CEHUM e foi leitora da Universidade do Minho/ILCH/DEINA entre 1978 e 2012, como docente de Inglês e tradução. É tradutora literária de obras de ficção, poesia, ciências sociais e educação. É associada de mérito e mentora de tradução literária da APTRAD - Assoc. Portuguesa de Tradutores e Intérpretes.

Andreia Sarabando, Leitora no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Investigadora do CEHUM. A sua atividade de tradução tem-se focado principalmente na poesia.

Joana Passos, Investigadora auxiliar no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, desenvolve pesquisa em Estudos Pós-coloniais e Estudos Feministas, focando o caso paradigmático de Goa.

Margarida Esteves Pereira, Professora Auxiliar (UMinho). Investigadora no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho tem desenvolvido pesquisa nas áreas de Estudos Literários, Estudos Feministas, Estudos Pós-Coloniais e Cinema.

ESTUDOS COMPARATISTAS E COSMOPOLITISMO

PÓS-COLONIALIDADE, TRADUÇÃO, ARTE E GÉNERO

Organização

ana gabriela macedo

tradução

ana bessa carvalho

ana gabriela macedo

ana maria chaves

andreia sarabando

joana passos

márcia oliveira

margarida esteves pereira

maria amélia carvalho

maria filomena louro

maria luísa coelho



Universidade do Minho
Centro de Estudos Humanísticos

hnmus

ESTUDOS COMPARATISTAS E COSMOPOLITISMO
Pós-colonialidade, Tradução, Arte e Género

Organização: Ana Gabriela Macedo

Tradução: Ana Bessa Carvalho, Ana Gabriela Macedo,
Ana Maria Chaves, Andreia Sarabando, Joana Passos, Márcia Oliveira, Margarida Esteves Pereira,
Maria Amélia Carvalho, Maria Filomena Louro, Maria Luísa Coelho

Edição: © Centro de Estudos Humanísticos da
Universidade do Minho (CEHUM)
<http://ceh.ilch.uminho.pt>
E-mail: ceh@ilch.uminho.pt

Edições Húmus, 2017
End. Postal: Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão
Tel. 926 375 305
E-mail: humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V.N. Famalicão
1.ª edição: Janeiro de 2017
Depósito legal: 435838/17
ISBN: 978-989-755-402-5

Colecção: Antologias – 04

Índice

9 Introdução

Ana Gabriela Macedo

SECÇÃO I | COMPARATISMO E TRADUÇÃO

19 Sobre a comparação: quem compara o quê e porquê?

Walter Mignolo (Trad. Andreia Sarabando)

39 Porquê comparar?

R. Radhakrishnan (Trad. Ana Gabriela Macedo e Margarida Esteves Pereira)

63 Porquê não comparar?

Susan Stanford Friedman (Trad. Ana Gabriela Macedo e Ana Maria Chaves)

79 A política da intraduzibilidade

Emily Apter (Trad. Maria Amélia Carvalho)

91 Uma crítica da intraduzibilidade

Longxi Zhang (Trad. Maria Filomena Louro)

SECÇÃO II | COMPARATISMO E PÓS-COLONIALIDADE

101 A Transformação das bases e práticas de estudo nas Humanidades

Edward Said (Trad. Joana Passos)

123 Traduções transcoloniais. Shakespeare nas Maurícias

Françoise Lionnet (Trad. Maria Filomena Louro)

SECÇÃO III | COMPARATISMO, ARTE E GÉNERO

147 Cartografando a Cronologia: um mapeamento global da arte feminista dos anos 70

Marsha Meskimmon (Trad. Márcia Oliveira e Maria Luísa Coelho)

167 *Body art/ A performance do sujeito*

Amelia Jones (Trad. Ana Bessa Carvalho)

185 Pintura, feminismo, história

Griselda Pollock (Trad. Márcia Oliveira e Maria Luísa Coelho)

213 Continentes negros: epistemologias da diferença racial e sexual na psicanálise e no cinema

Mary Ann Doanne (Trad. Margarida Esteves Pereira)

225 Como domesticar uma língua selvagem

Gloria Anzaldúa (Trad. Andreia Sarabando)

239 A feminilidade como máscara

Joan Rivière (Trad. Maria Filomena Louro)

SECÇÃO I
COMPARATISMO E TRADUÇÃO

ANA GABRIELA MACEDO

Introdução

A verdadeira tradução não é uma relação binária entre duas línguas, mas uma relação triangular. O terceiro elemento do triângulo é aquilo que está por trás do texto original antes de este ter sido escrito. A verdadeira tradução exige um retorno ao pré-verbal. Lemos e releemos as palavras no texto original de modo a penetrarmos através delas, a atingirmos, a tocarmos a visão ou a experiência que as motivou. (...) Esta prática lembra-nos que a língua não pode ser reduzida a um dicionário ou a um conjunto de palavras e frases. Assim como não pode ser reduzida a um armazém que contém as obras nela escritas.

(John Berger, *Confabulações*, 2016)¹

A presente Antologia, intitulada *Estudos Comparatistas e Cosmopolitismo. Pós-colonialidade, Tradução, Arte e Género*, é a quarta de uma série de Antologias editadas pelo Centro de Estudos Humanísticos, cujo foco principal

¹ "...true translation is not a binary affair between two languages but a triangular affair. The third point of the triangle being what lay behind the words of the original text before it was written. True translation demands a return to the pre-verbal. We read and reread the original text in order to penetrate through them, to reach, to touch the vision or experience which prompted them. (...) This practice reminds us that a language cannot be reduced to a dictionary or stock of words and phrases. Nor can it be reduced to a warehouse of the works written in it." (John Berger, *Confabulations*, Penguin Books, 2016, p. 4-5)

é divulgação de textos considerados fulcrais num determinado domínio de estudo e investigação nas Humanidades, Literaturas, Artes e Culturas, através da edição criteriosa e de um aturado trabalho de tradução, de textos de distintas épocas e autorias cujo impacto nas referidas áreas é inquestionável, sendo que contudo não existiam, até à data, em língua portuguesa. Esta série iniciou-se com uma primeira *Antologia de Estética e Teorias da Arte* (org. Vítor Moura, 2009), a que se seguiu uma segunda intitulada *Género, Cultura Visual e Performance* (org. Ana Gabriela Macedo e Francesca Rayner, 2011), uma terceira sobre *Filosofia da Linguagem* (org. Bernard Sylla, 2017) e esta que damos agora à estampa, focando os Estudos Comparatistas numa perspetiva contemporânea e localizada, problematizando-os no diálogo com o cosmopolitismo e o multiculturalismo, face às questões concretas colocadas pela Pós-colonialidade, pelos Estudos de Tradução, pela Arte e pelo Género. Uma característica singular desta Antologia é ela ser, em larga medida, fruto de um trabalho colectivo, uma vez que todos os elementos que nela colaboraram enquanto investigadoras e tradutoras, integram o grupo de pesquisa em ‘Género, Artes e Estudos Pós-Coloniais’ (GAPS) do CEHUM. Na qualidade de coordenadora deste grupo de pesquisa coube-me a seleção e organização dos textos, nem sempre fácil, e também esta fruto de conversas e amplas discussões do grupo, e ainda a revisão final dos textos, tarefa esta na qual tive o apoio da colega e reconhecida tradutora literária, Ana Maria Chaves, a quem presto aqui a minha homenagem pela partilha do saber e da experiência no terreno árduo, mas profundamente estimulante, da tradução. Estimulantes foram também, sem dúvida, as discussões minuciosas e os debates havidos nas reuniões de grupo, ao longo dos cerca de dois anos que levaram até este trabalho ter sido considerado concluído. Debates do foro conceptual, linguístico, tradutológico; escolhas tiveram necessariamente de ser feitas, em prol da qualidade linguística dos textos traduzidos, da sua capacidade comunicativa, tendo em vista a sua dimensão pedagógica, mas também nunca perdendo de vista a ‘dificuldade’ inerente a cada um dos textos originais, quer pela sua especificidade teórica e conceptual, quer, desde logo, pelas idiosincrasias de estilo de cada um dos respetivos autores, dificuldade essa que assumimos plenamente nos textos que aqui apresentamos, e que não pretendemos minorar, nem desvirtuar, ‘aligeirando’ essa mesma dificuldade. Indubitavelmente, se constituiu um forte desafio para cada uma de nós a tradução destes textos, cremos que será também importante que o seu leitor ou leitora o sintam como tal – textos desafiantes e problematizadores

das distintas realidades que abordam e, muito especificamente, prova da pertinência e acutilância crítica dos Estudos Comparatistas no mundo de hoje, como um território fértil de indagações, atento ao ‘ruído do mundo’, de fronteiras teóricas porosas e pensamento crítico fluído, aberto a outros saberes e a contaminações de um mundo em permanente mutação.

Como já se disse atrás, consideramos que o diálogo é a palavra-chave que mais cabalmente define o cerne desta Antologia e aí reside igualmente o objetivo primeiro da sua proposta e ‘pacto de leitura’. Entre os textos, a sua génese, autoria e dimensão temporal da sua escrita, existe uma grande diversidade. Também aí o desafio foi grande. Selecionar lado a lado um texto de 1929 (“A Feminilidade como Máscara”, de Joan Rivière), não só pelo seu carácter histórico no âmbito da crítica feminista, enquanto análise do desejo e desconstrução da sexualidade feminina, mas também, e ainda, pela sua contemporaneidade hoje, com o texto da ativista chicana, nascida no Texas, Glória Anzaldúa, texto este que constituiu uma verdadeira “pedrada no charco” pela sua denúncia da opressão social, política e de género representada *na e pela* linguagem patriarcal e legitimada pelos poderes políticos e coloniais como instrumento de dominação, dizia, colocar estes textos lado a lado com outros de finais do século XX e início de XXI, a todos reconhecendo a mesma atualidade e pertinência no desenvolvimento da reflexão crítica, constituiu também o nosso grande desafio.

Passemos agora a um breve olhar sobre os textos e as suas especificidades. O volume inicia-se com uma primeira secção intitulada “Comparatismo e Tradução”, na qual dialogam entre si textos da autoria de Walter Mignolo, (“Sobre a Comparação: Quem compara o quê e porquê?”), R. Radhakrishnan (“Porquê Comparar?”), Susan Stanford Friedman (“Porquê Não Comparar?”), Emily Apter (“A Política da Intraduzibilidade”) e Longxi Zhang (“Uma Crítica da Intraduzibilidade”).² A tónica desta secção é o debate sobre, em primeiro lugar, a viabilidade do ato de tradução entre culturas muito diversas e realidades por vezes antagónicas, nomeadamente entre mundos colonizadores e colonizados e depois sobre a sua legitimidade, face a uma hierarquização quase implícita de vozes e poderes hegemónicos. Este

2 Esta primeira secção de textos, que estabelecem um diálogo interno entre si, estão publicados em inglês no volume *Comparison. Theories, Approaches, Uses*, editado por Rita Felski e Susan Stanford Friedman (John Hopkins UP, 2013). Quero agradecer à colega e reconhecida estudiosa, Professora Susan Stanford Friedman, a quem contactei no início do nosso trabalho, a propósito dos direitos de autor dos textos que traduzimos do seu volume editado, pela generosidade e o incentivo com que acolheu a nossa proposta.

questionamento poderia levar-nos, *à la limite*, à negação pura e simples do ato epistemológico da comparação. A afirmação de Susan Sanford Friedman parece-nos, a este respeito, clarividente:

“A comparação é uma forma inevitável de cognição humana. Precisamos, sem dúvida, de estratégias de comparação capazes de resistir à política da dominância e da outridade. Precisamos, igualmente, de refletir mais profundamente sobre a epistemologia e a prática da comparação. Na minha opinião, deveríamos ter como objetivo produzir modos de comparação que funcionem no âmbito das contradições inerentes à comparação em si mesma, que sejam capazes de expandir as vozes em confronto, de encetar criativamente neste mundo novos diálogos e novos enquadramentos de leitura e de atuação” (p.).

A questão premente da “intraduzibilidade”, de vocábulos, conceitos, mas sobretudo de culturas, coloca-se com premência no constante e inevitável “encontro de culturas” do mundo de hoje. O radicalismo do pensamento crítico de Emily Apter em relação “aos limites da tradução cultural” em contexto pós-colonial, articulando o pensamento do filósofo francês Alain Badiou, segundo o qual “nada é traduzível”, e a própria convicção de Apter de que “a *zona da tradução* se estabelece com base na *relação filológica*” (p...), constituem a tônica do texto “A Política da Intraduzibilidade”. A autora faz-nos a seguinte advertência: “Até mesmo novas formas de comparatismo pós-colonial têm inadvertidamente perpetuado a geopolítica neocolonial, ao transportar a divisão imperial dos grupos linguísticos”. (p.) Por sua vez, Longxi Zhang no seu texto de resposta, argumenta que: “Intraduzibilidade no argumento de Apter não quer de facto dizer incomparabilidade, e portanto não quer dizer impossibilidade de tradução. Intraduzibilidade não é o termo certo.” Neste sentido, afirma Zhang que “o sonho da não-tradução” está próximo do pensamento místico sobre “uma sedução que é quase um silêncio” (p.). E, apoiando-se no pensamento crítico de Bakhtin sobre o diálogo comunicacional, em articulação com a defesa de Walter Benjamin da tradutibilidade, afirma: “Assim, a insistência de Bakhtin no diálogo torna-se tanto um imperativo moral como a insistência de Benjamin na traduzibilidade ou a insistência de Badiou no *comparatisme quand même*. A comparação, estamos cientes, é algo que devemos sempre fazer para existir e agir e, por conseguinte, o que e como comparamos – e as consequências que advêm da nossa comparação – merecem, de facto, a nossa atenção crítica”. (p.)

A segunda secção da Antologia, que designámos como “Comparatismo e Pós-colonialidade”, apresenta os textos de Edward Said (“A Transformação das Bases e Práticas de Estudo nas Humanidades”) e de Françoise Lionnet (“Traduções Transcoloniais. Shakespeare nas Maurícias”). Sem de modo nenhum querermos estabelecer barreiras conceptuais estanques entre as três secções que compõem esta Antologia, mas antes pretendendo focar com maior atenção certas especificidades e variáveis da problemática que a circunscreve, seleccionámos o texto de Said pelo inegável impacto da sua voz e do seu pensamento crítico sobre as Humanidades, construído a partir de uma experiência singular de teorizador do fenómeno literário em diálogo com questões de outridade, de exílio, de cidadania e de cosmopolitismo, e a sua crítica ao “diálogo” cultural Ocidente/ Oriente, que originou a sua mais renomada obra, *Orientalismo* (1978; tradução portuguesa, 2004). A voz de Said é frequentemente admonitória quanto ao papel das Humanidades no mundo de hoje, rejeitando o suposto “síndrome da crise” como algo que lhes é peculiar e não necessariamente nefasto. Afirma o autor: “as humanidades e o humanismo necessitam de contínua revisão e revitalização. Quando as humanidades se mumificam tornando-se tradição, cessam de ser aquilo que realmente são e tornam-se instrumentos de veneração e repressão. (...) “crise” é aqui a palavra-chave, e no entanto, visto que as humanidades podem vacilar mas continuam a avançar e resistir apesar da “crise”, poderemos perguntar-nos se este não é um repetido caso de falso alarme”. (p.) Ao longo do seu texto Said critica o que chama de “humanismo nacionalista ou eurocêntrico”, chamando a atenção para as falácias das “ideologias fundamentalistas do nosso tempo”, cujas “doutrinas têm de ser criticadas pelo que marginalizam, denigrem, demonizam e desumanizam com argumentos que presumem ser humanistas” (p.).

Por sua vez, Françoise Lionnet, no texto acima referido, desenvolve um interessante estudo de caso sobre a adaptação da *Tempestade* de Shakespeare para o crioulo das Ilhas Maurícias, analisando tanto a produção como a interligação de culturas quando a língua de referência colonial deixa de ser única. Dado que nas Maurícias não existe uma língua padrão hegemónica, o crioulo aí usado é uma língua literária de multipertença sincrónica, podendo o escritor usar essa variedade com grande efeito. A autora defende, a propósito da adaptação livre de *A Tempestade* pelo autor mauriciano Dev Virahsawmy, enfatizando o carácter desconstrutivo da sua linguagem, interrogando simultaneamente os poderes coloniais e patriarcais: “Ao contrário de Glissant,

que jamais concedeu qualquer crédito ao feminismo, Virahsawmy cria um eco consciente e instigante dos principais princípios intelectuais e políticos da última onda de teorização feminista do século vinte”. Neste contexto, o autor preconiza que o futuro, e talvez a tradução também, deixarão de ser “masculino singular, mas *feminino plural*”. (p.)

A terceira e última secção do volume, sob o título “Comparatismo, Arte e Género”, reúne seis textos de uma diversidade de autoras, oriundas de geografias e de épocas muito distintas, procurando dar corpo (e voz, naturalmente) aos debates que se foram construindo em distintos momentos do século XX e nas duas primeiras décadas do século XXI sobre a visibilização do feminino e a chamada “genderização” da cultura, isto é, a inscrição do género e da diferença sexual, canonicamente omitidos, rasurados ou invisibilizados. Os três primeiros textos desta secção, “Cartografando a Cronologia: um mapeamento global da arte feminista dos anos 70” (Marsha Meskimmon), “*Body Art/ A Performance do Sujeito*” (Amelia Jones) e “Pintura, Feminismo, História” (Griselda Pollock), contextualizam-se no questionamento da História da Arte como uma “grande narrativa” marcadamente logocêntrica e patriarcal, buscando as autoras destes textos, enquanto estudiosas, críticas, curadoras, historiadoras de arte, visibilizar a questão da “diferença” na Arte, ao reclamar/reescrever a *História da História da Arte*, tendo o feminino como sujeito e agente, e não enquanto refém do voyeurismo estético.

O texto de Marsha Meskimmon, publicado no catálogo da exposição *Wack! Art and the Feminist Revolution* (Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles entre 4 de Março e 16 de Julho de 2007), problematiza quer o formato da exposição de arte feminista *blockbuster* – pelos riscos de oclusão de artistas e de pontos de vista críticos das obras que esse mesmo formato comporta – quer a própria história da arte feminista, centrada no contexto anglo-saxónico. Considerando imprescindível construir leituras alternativas de contextos, obras e percursos artísticos, Meskimmon explora neste texto um método historiográfico baseado em pressupostos cartográficos e não apenas cronológicos. A autora tem-se notabilizado por desenvolver um trabalho crítico incidindo sobre práticas artísticas modernas e contemporâneas, com um enfoque crítico transnacional e transdisciplinar, como por exemplo em *Women Making Art. History, Subjectivity, Aesthetics* (2003), *Contemporary Art and the Cosmopolitan Imagination* (2010), ou *Women, the Arts and Globalization* (coeditado com Dorothy Rowe, 2013). O texto de Amelia Jones, focando a *Body Art* (que optámos por manter no original

dado o peso conceptual do termo e a sua circulação internacional no domínio das artes), marca um importante contributo para os estudos da arte, mais concretamente no tocante à performance feminista, traduzindo assim uma significativa visibilização e empoderamento das mulheres artistas numa esfera pública que lhes foi tradicionalmente vedada. Amelia Jones tem-se notabilizado como crítica feminista, investigadora de artes visuais e performance, curadora, aliando também uma prática ativista em domínios sociais, nomeadamente debruçando-se sobre políticas identitárias, questões de raça e de classe. Ela é coeditora com Meskimmon de uma importante série de História de Arte (*Rethinking Art's Histories*, ManchesterUP) e tem editado antologias de grande impacto, como *The Feminism and Visual Culture Reader* (Routledge, 2003; 2010).

A par de outras críticas e historiadoras da arte pioneiras, como Linda Nochlin ou Lynda Nead, Griselda Pollock é um marco no diálogo do Feminismo com as artes visuais. Desde finais dos anos de 1970 Pollock tem vindo a desenvolver uma atividade intensa como investigadora e crítica, aliada a uma extensa produção literária, contribuindo de forma decisiva para os debates feministas em torno da exploração falocêntrica do corpo da mulher e da sexualidade feminina, bem como para uma revisão metodológica e conceptual da história da arte. Veja-se, a título de exemplo, as obras *Old Mistresses: Women, Art and Ideology* (1981, coescrito com Rozsika Parker), *Vision and Difference: Feminism, Femininity and the Histories of Art* (1988), *Generations and Geographies in the Visual Arts. Feminist Readings* (1996), *Encounters in the Virtual Feminist Museum: Time, Space and the Archive* (2007). No presente texto, escrito originalmente em 1992, Pollock argumenta que o olhar objetificador do artista sobre o corpo feminino está intrinsecamente associado à posição ocupada pelo corpo da modelo e pelo corpo do próprio artista no seu estúdio, aqui visto como espaço privilegiado da arte modernista. Ao definir no estúdio uma hierarquia social e sexual para os corpos genderizados, Pollock demonstra como esses mesmos corpos fazem parte do sistema discursivo e ideológico da arte, de que a mulher é refém.

O texto que se segue, da autoria de Mary Ann Doane (“Continentes negros: epistemologias da diferença racial e sexual na psicanálise e no cinema”), originalmente publicado na obra de Doanne intitulada *Femmes Fatales, Feminism, Film, Theory, Psychoanalysis* (Routledge, 1991), propõe uma instigante reflexão, a vários títulos pioneira, sobre a articulação do binómio raça e género, no contexto particular do cinema e com um enfoque

metodológico na psicanálise. A autora propõe-nos uma visão crítica e análises de caso tendo como ponto de partida o pensamento de Freud, em diálogo com o de Franz Fanon, Sartre, Luce Irigaray e Homi Bhabha, entre outros.

O ensaio “Como Domesticar uma Língua Selvagem” da autoria de Gloria Anzaldúa (1987) mereceu-nos já uma breve reflexão. Tal como referimos, este texto constitui um marco na cartografia dos estudos de género, e é profundamente vanguardista à época em que foi escrito, ao colocar a ênfase da opressão e exploração patriarcais nas suas representações *na e pela* linguagem, em função da legitimação das estruturas de dominação pelos poderes políticos e coloniais. O seu hibridismo linguístico, o uso assumido de uma *linguagem outra* onde a noção de fronteira, de raça e de classe estão deliberadamente inscritas no corpo e na fala, é de uma grande ousadia e ressalta pelo seu cariz de intervenção política:

Deslenguadas. Somos los del español deficiente. Somos o vosso pesadelo linguístico, a vossa aberração linguística, a vossas *mestisaje* linguística, o objeto da vossa *burla*. Porque falamos com línguas de fogo somos crucificados culturalmente. Racialmente, culturalmente e linguisticamente *somos huérfanos* – falamos uma língua órfã. (p.)

Por fim, o texto de Joan Rivière (“A Feminilidade como Máscara”, 1929), com o qual terminamos esta Antologia, histórico pela temática e pelo modo frontal de abordagem da mesma, propõe uma análise pioneira do desejo, da sexualidade feminina e da homossexualidade, equacionando questões que permanecem pertinentes, tais como: “qual é a natureza essencial de uma feminilidade totalmente desenvolvida? O que é *Das ewig Weibliche?* [o eterno feminino]”. A conceção da “feminilidade como uma máscara”, segundo Rivière, escondendo muitas vezes comportamentos considerados “patológicos” através de um excesso de feminização, ajuda a levantar o véu sobre esta questão ampla.

Termino com um agradecimento profundo a todas quantas tornaram este projeto conjunto uma realidade: Andreia Sarabando, Ana Bessa Carvalho, Ana Maria Chaves, Joana Passos, Maria Amélia Carvalho, Margarida Esteves Pereira, Maria Filomena Louro, Márcia Oliveira, Maria Luísa Coelho. Valeu o esforço e as longas sessões de debates havidos, creio. Relembro as

palavras de John Berger com que iniciei este breve texto: “Lemos e relemos as palavras no texto original de modo a penetrarmos através delas, a atingirmos, a tocarmos a visão ou a experiência que as motivou”.

Um agradecimento também é devido ao *Centro de Estudos Humanísticos* pela continuidade dada a este projeto de edição de Antologias críticas.

Março de 2018

Márcia Oliveira, Bolseira de Pós-Doutoramento (FCT) no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Investigadora em Estudos Artísticos e Estudos Feministas, desenvolve um projeto sobre “livros de artista”.

Maria Amélia Carvalho, Leitora no Departamento de Estudos Ingleses e Norte Americanos da Universidade do Minho, investigadora do CEHUM. Doutoranda nas áreas dos Estudos de Tradução, Estudos Feministas e representações identitárias.

Maria Filomena Louro, Professora Associada da Universidade do Minho. Investigadora no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho em Estudos Irlandeses, Teatro e Estudos de Tradução.

Maria Luísa Coelho, bolseira FCT de pós-doutoramento no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, onde desempenha a função de investigadora associada. Investigadora nas áreas dos Estudos Feministas e Inter-artes, desenvolve um projeto centrado em escritores e artistas portugueses em Londres (1950-1986).

Esta Antologia crítica foca os *Estudos Comparatistas* numa perspectiva contemporânea e localizada, problematizando-os no diálogo com o cosmopolitismo e o multiculturalismo, face às questões concretas colocadas pela Pós-colonialidade, pelos Estudos de Tradução, pela Arte e pelo Género. Uma característica singular desta Antologia é ela ser, em larga medida, fruto de um trabalho colectivo, uma vez que todos os elementos que nela colaboraram, enquanto investigadoras e tradutoras, integram o grupo de pesquisa em “Género, Artes e Estudos Pós-Coloniais” (GAPS) do CEHUM.

O Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho é uma unidade de investigação acreditada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), cujos objetivos prioritários são o desenvolvimento e divulgação de investigação transdisciplinar, compreendendo as áreas da Literatura, Ciências da Linguagem, Filosofia e Cultura.